



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

PAULO ALBINO VIEIRA

**A POESIA DE CORDEL COMO VIÉS COMUNICATIVO E
INFORMATIVO EM CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS**

**CAMPINA GRANDE - PB
SETEMBRO/2013**

PAULO ALBINO VIEIRA

**A POESIA DE CORDEL COMO VIÉS COMUNICATIVO E
INFORMATIVO EM CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS**

Artigo apresentado ao curso de Bacharelado em
Comunicação Social – habilitação Jornalismo – da
Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento
à exigência para obtenção do grau de Bacharel.

Orientadora: Prof.^a Mestre Cléa Gurjão Carneiro

CAMPINA GRANDE - PB

Setembro/2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL CIA I – UEPB

V657p Vieira, Paulo Albino.

A poesia de cordel como viés comunicativo e informativo em campanhas publicitárias [manuscrito] / Paulo Albino Vieira. – 2013.

23 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2013.

“Orientação: Profa. Ms. Cléa Gurjão Carneiro, Departamento de Letras e Artes”.

1. Literatura de cordel. 2. Mídia. 3. Campanhas publicitárias. I. Título.

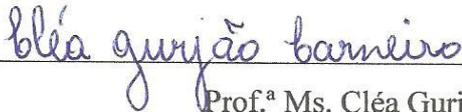
21. ed. CDD 398.5

PAULO ALBINO VIEIRA

**A POESIA DE CORDEL COMO VIÉS COMUNICATIVO E
INFORMATIVO EM CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS**

Artigo aprovado em 05 de Setembro de 2013

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Ms. Cléa Gurjão Carneiro
(Orientadora) Nota 10,0



Prof. Esp. Clebson Moraes de Assunção
(1º Examinador) Nota 10,0



Prof. Doutor José Carlos Barros Silva
(2º Examinador) Nota 10,0

Média: 10,0

CAMPINA GRANDE – PB

Setembro/2013

Dedico este trabalho, em especial, à *poesia* e à *arte* eterna de Raul Santos Seixas (*in memoriam*), minha inspiração maior.

Agradeço especialmente à professora Cléa Gurjão, minha orientadora durante este trabalho, e também ao amigo e professor Clebson Moraes, por suas importantes contribuições na realização deste Artigo. Sem eles não seria possível a conclusão do mesmo. Obrigado ainda aos amigos e colegas de sala que me ajudaram no decorrer desse Curso.

“A desobediência é uma virtude necessária à criatividade”. (Raul Seixas)

RESUMO

O trabalho proposto está centrado em um cunho analítico, onde o objeto de estudo refere-se fundamentalmente à literatura de cordel, a qual pode ser considerada um poderoso meio de comunicação e de informação, visto que no passado, de certa forma, ela chegava a ter mais aceitação do que o próprio jornal impresso. A este trabalho serão fomentados dados históricos que concomitantemente darão respaldo à pesquisa. O embasamento teórico está fundamentado em autores a exemplo de Galvão 2001, Kunz, 2001, Meira 1998, entre outros, e na obra de cordel do poeta Manoel Monteiro, *O planeta água está pedindo socorro*, onde o autor busca a conscientização mediante o problema da escassez de água doce no planeta. A obra em si busca valer-se de um viés informativo pessoal, popular, antagônico aos termos formais do jornalismo, referentes aos aspectos formais e impessoais estabelecidos pelas normas jornalísticas.

Palavras-chave: Literatura de Cordel, Mídia, Campanhas Publicitárias.

RESUMEN

El trabajo propuesto está en un centro de cuño analítico, adonde el objeto de estudio se refiere básicamente a la literatura de cordel, a la cual puede ser considerada un fuerte medio de comunicación y de información, visto que en el pasado, de cierta manera, ella llegaba a tener más aceptación a que el propio periódico impreso. Para este trabajo serán fomentados datos históricos que a la vez darán refuerzo a la investigación. El embasamiento teórico se fundamenta en autor la ejemplo de Galvão 2001, Kunz, 2001, Meira 1998, entre otros, y en la obra de cordel del poeta Manoel Monteiro, *El planeta água está pedindo ajuda*, donde el autor busca a la conscientización mediante el problema de la falta de água dulce en planeta. La obra busca valerse de un puente informativo personal, popular, al revés términos formales del periódico, referentes a los aspectos formales e impersonales establecidos por las normas periódicas.

Palabras-clave: Literatura de Cordel, Mídia, Capañas Publicitarias.

1. INTRODUÇÃO

Para despertar a atenção e suscitar o envolvimento da população o Governo Federal lança campanhas que são veiculadas nos meios de comunicação, especialmente na TV aberta que é um meio popular, de acesso a quase toda a população brasileira, atingindo todas as idades, sexos, classes sociais, etc. O sucesso dessas campanhas vai depender da eficácia do meio de comunicação, da argumentação e do poder argumentativo de quem a produz e/ou veicula.

Nesse sentido, a literatura de cordel por ser de fácil acesso à população, desde os tempos mais remotos, é considerada um expressivo meio de comunicação e de informação para o público que ouve e lê esse tipo de literatura.

No presente trabalho será realizada uma discussão sobre a importância cultural e comunicativa da poesia de cordel, um gênero literário popular por excelência, como viés comunicativo e informativo no poema de Manoel Monteiro “O Planeta Água”. Focaremos a importância do cordel no seu aspecto expansivo e, conseqüentemente, comunicativo, em especial o cordel que vem sendo produzido no estado da Paraíba.

Uma das perspectivas é medir o impacto causado pela modernidade na poesia de cordel, uma vertente da literatura poética naturalmente atrelada à comunicação e que pode vir a ser, inclusive, ameaçada de extinção. Lembrando-se ainda, que o hábito de ler cordéis anda um tanto quanto esquecido por grande parte das pessoas.

Será descrito ao longo deste trabalho a historicização do cordel, desde a sua forma oral até a escrita, bem como o processo de veiculação do mesmo, principalmente no seu aspecto comunicativo/informativo. Desta forma, será apresentada como se deu e como se dá atualmente a sua atuação no contexto da comunicação.

Serão analisados mais profundamente alguns dos aspectos e familiaridades da poesia de cordel em seu arcabouço cultural e comunicativo, uma forma de manifestação da cultura popular que, apesar de se desenvolver e de se renovar a cada dia, sempre se revelou financeiramente inviável para os cordelistas paraibanos, principalmente na atualidade. Dessa forma, a preocupação direta é, também, com o futuro desse gênero literário.

O problema sugerido e que será avaliado terá como referencial teórico, sobretudo, a poesia do cordelista pernambucano radicalizado na Paraíba, Manoel Monteiro da Silva, referente ao assunto pesquisado. Será feita uma análise em uma de suas obras menos recentes, porém, atual como nunca, *O planeta água está pedindo socorro*, a maneira pela qual o poeta encontrou de chamar a atenção das pessoas para um problema cada vez mais

presente no dia a dia; o perigo da escassez de água doce e potável na superfície terrestre. Desde algumas dicas necessárias de preservação do meio ambiente e de economia da água, de maneira sustentável, passando ainda pelos direitos e deveres do consumidor em suas residências, o poeta mostra através de seus versos a importância do racionamento da água, um recurso natural que, como se sabe, não é renovável.

A exposição do problema, bem como a função social do cordel em todo seu contexto histórico, cultural e comunicativo, apresentadas durante toda esta pesquisa, dará respaldo a estas escolhas.

A contribuição acadêmica deste Artigo, portanto, é no sentido de mostrar a literatura de cordel nos poemas de Manoel Monteiro como viés comunicativo e informativo, com a finalidade de conscientizar a população de que todos precisam economizar água colaborando para preservá-la.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Histórico do Cordel

O cordel é um gênero de poesia popular que nasce na oralidade, isto é, nasce para ser declamado. É, em geral, nas feiras populares que o cordelista pega a viola e inicia a cantoria de seus versos. Pura estratégia de *marketing*. Quando ele percebe que os ouvintes querem conhecer o final da história, ele oferece o folheto impresso para compra.

A literatura de cordel é produção típica do Nordeste brasileiro, sobretudo nos estados de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará, onde “os consumidores se referiam a essa literatura como: ‘literatura de folhetos’ ou simplesmente ‘folhetos’ [...] A expressão ‘literatura de cordel nordestina’ passa a ser empregada pelos estudiosos a partir de 1970” (ABREU, 1999, p. 17).

Originados na literatura portuguesa, no Brasil os primeiros folhetos foram publicados no final do século XIX, de maneira artesanal e acabaram se tornando populares em razão da sintonia entre autores e leitores, como explica o cordelista Rodolfo Cavalcanti “o povo sabe pelo rádio ou por ouvir dizer os acontecimentos mais importantes da sociedade, mas só acredita quando sai no folheto... se o folheto confirma, aconteceu.” Como viajavam por todos os lugares, até os mais ermos, divulgando e vendendo sua produção, os cordelistas tornavam-se importante fonte de informação para as pessoas que viviam no interior, onde nem mesmo o rádio era muito difundido. Assim, o folheto de cordel ganhou a forte função social de informar

a população. E, ainda que hoje a TV, a internet e o rádio sejam tão acessíveis, essa função se mantém, e vemos que muitos folhetos continuam tratando de temas que são notícias: fatos políticos, do mundo artístico, esportivo, etc. Também são comuns no Cordel: a saga de heróis, a vida se santos, acontecimentos fantásticos e maravilhosos, fatos cômicos, satíricos e picarescos, o cotidiano do povo nordestino, o amor e a felicidade.

Segundo Pinheiro (2001), os folhetos costumavam ser vendidos em mercados e feiras pelos próprios autores numa aproximação do que acontecia em terras portuguesas. O hábito de pendurar os livretos em cordas continuou nas feiras do Nordeste, onde, ao mesmo tempo em que os folhetos eram vendidos, os versos eram declamados. Os autores, ou cordelistas, recitam esses versos de forma melodiosa e cadenciada, acompanhados de viola, como também fazem leituras ou declamações muito empolgadas e animadas para conquistar os possíveis compradores. Para reunir os expoentes deste gênero literário típico do Brasil, foi fundada em 1988 a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, com sede no Rio de Janeiro.

Carlos Drummond de Andrade, reconhecido como um dos maiores poetas brasileiros do século XX, assim definiu essa modalidade poética

A poesia de cordel é uma das manifestações mais puras do espírito inventivo, do senso de humor e da capacidade crítica do povo brasileiro, em suas camadas modestas do interior. O poeta cordelista exprime com felicidade aquilo que seus companheiros de vida e de classe econômica sentem realmente. A espontaneidade e graça dessas criações fazem com que o leitor urbano, mais sofisticado, lhes dedique interesse, despertando ainda a pesquisa e análise de eruditos universitários. É esta, pois, uma poesia de confraternização social que alcança uma grande área de sensibilidade. (DRUMMOND *apud* CHAVES, 1993, p. 23).

Identificada a partir da concepção e do pressuposto comum no qual podemos considerá-la como sendo uma “literatura informativa de fácil acesso”, mesmo apresentando, de forma alegórica, temas sérios do cotidiano do interior nordestino e outrora de outras localidades, a poesia de cordel tem as suas origens bastante remotas, provenientes em parte, da Europa Medieval dos séculos XI e XII. O seu vínculo com a comunicação sempre foi algo inerente e participativo, uma vez que esse tipo de poesia era eminentemente oral na sua origem, falada ou cantada ao longo do tempo por trovadores e repentistas.

A poesia de cordel é de fato muito antiga, já temos alguns registros inclusive nos escritos de Camões, como também em Gil Vicente, Cervantes e outros. No Brasil, teve início com a vinda dos portugueses durante a colonização. E no Nordeste brasileiro ganhou um espaço considerável, sobretudo até metade do século XX, consagrando-se em definitivo como sinônimo de poesia popular, além de ser um meio de informar e inteirar as pessoas de um jeito

muito mais simples, por possuir fácil compreensão e conseguir levar suas histórias a diversos lugares.

“As origens da literatura de cordel estão na Europa Medieval. Tem suas bases na França (Provença), do século XI e posteriormente na Espanha, Portugal, Itália, Alemanha, Holanda e Inglaterra. Chegou ao Brasil Colônia com os navegadores portugueses, depois incorporou a poética nativa do índio, a criatividade e o ritmo da poesia do negro, dos vaqueiros e tropeiros (o aboio). Tornou-se um ritmo sertanejo-tropical, integrando-se a outros ritmos como o baião, o xote, o xaxado e o forró. Ganhou uma característica especial com o advento da xilogravura, na ilustração de capas de milhares de folhetos.” (<<http://www.gustavodourado.com.br/CordeldosertaonordestinoacontemporaneidadedaInternet.htm> >. Acesso em: 08/05/2013, 16h40 min50seg.)

Durante séculos a poesia de cordel permaneceu na sua composição estritamente oral, uma tradição que era repassada entre as contínuas gerações, onde alguma coisa podia ser encontrada, ainda que raramente, na sua forma manuscrita. Aquele que sabia ler e escrever podia ser o próprio cordelista, recitando o texto em voz alta em feiras e praças públicas para vender os seus folhetos. Só bem mais tarde, com o aparecimento de pequenas tipografias, já no final do século XIX, o cordel ganha realmente impulso e se fixa no Nordeste brasileiro, onde assume o status de cultura regional.

De acordo com Kunz (2001, p. 79-80), “o folheto de cordel é uma representação impressa da poesia popular, a qual se reflete na maneira como os poetas do povo enxergam a realidade”. Sendo assim, o cordel nunca deixou de ser uma mídia alternativa e popular, de forte conteúdo informativo e opinativo. Por outro lado, embora seja impressa e veiculada pelo folheto, a poesia de cordel será sempre uma forma de literatura oral feita para ser recitada, pois a sua rima é feita para o ouvido e a memória, não necessariamente para os olhos.

Sabe-se que, embora impresso e veiculado pelo folheto, o cordel é uma forma de literatura oral feita expressamente para ser recitada. A rima do cordel é feita para o ouvido e a memória, não para os olhos. Ela é, antes de tudo, mnemônica e comunicativa. O folheto é apenas o suporte material de uma poesia que permanece oral. (KUNZ, 2001, p. 79-80).

Com o passar do tempo, o folheto de cordel tornou-se uma forte manifestação da comunicação popular do Nordeste e ainda um grande incentivo à educação, contribuindo na alfabetização de jovens e adultos. A poesia de cordel passou a ser, então, uma espécie de jornal popular escrito poeticamente, bem como uma ferramenta de uso didático aplicada nas escolas de ensino básico. E na medida em que os imigrantes nordestinos se espalharam pelos

quatro cantos do país, durante décadas a fio, a poesia de cordel influenciou e também foi influenciada pelos costumes e tradições de outras regiões do país.

A poesia de cordel ganhou notoriedade ainda por meio do estudo, pesquisa e divulgação de pessoas interessadas em propagar essa arte tão simplória e, com efeito, o resultado direto das manifestações da cultura popular. Renomados criadores das artes, da música e da literatura brasileira, como o escritor paraibano e imortal da Academia Brasileira de Letras, ARIANO SUASSUNA, deixaram-se influenciar pelos traçados e rimas simples de um folheto de cordel, abraçando-o e definindo-o como embasamento para algumas de suas determinadas criações.

2.2. O Cordel no Brasil e no Estado da Paraíba

Parte integrante da cultura popular nordestina, onde a Paraíba se destaca com grande relevância, a poesia de cordel já faz parte da identidade cultural e comunicativa do nosso estado, atravessando várias gerações com suas histórias quase sempre fantasiosas e tradicionalmente folclóricas.

Segundo Pinheiro (2012, p. 48)

A literatura de cordel foi por muito tempo o jornal do povo nordestino, pois nem todos tinham condições de adquirir jornais e revistas, por isso, o folheto de cordel se tornou um meio de comunicação muito popular entre as pessoas. Não é à toa que muitas delas foram alfabetizadas através dessa literatura.

Alguns pesquisadores afirmam que o primeiro folheto de cordel brasileiro, na forma que se tornou convencional, foi publicado na Paraíba, em 1893, por Leandro Gomes de Barros. Mas este dado gera certa controvérsia, uma vez que se acredita terem existido publicações anteriores, das quais não se conservaram exemplares. O paraibano Leandro Gomes de Barros foi um dos poetas cordelistas mais conhecidos, havendo escrito aproximadamente 240 obras.

Já de acordo com o escritor e cordelista Dourado (<<http://www.gustavodourado.com.br/CordeldosertaonordestinoacontemporaneidadedaInternet.htm>>. Acesso em: 08/05/2013, 16h40min50seg.), o primeiro folheto de cordel reconhecidamente publicado no Brasil é *Saudades do Sertão*, datado do ano de 1902. Impresso na cidade de Campina Grande - PB, é de autoria de Francisco das Chagas Batista, e encontra-se catalogado na casa de Rui Barbosa - no Rio de Janeiro, onde se situa a ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel).

Fundada em 1988, a ABLC está localizada no bairro de Santa Teresa, à cerca de 500 metros do Largo do Guimarães.

Em Campina Grande, fica evidente o prestígio desse gênero literário, tanto que existe um espaço exclusivo para a conservação dos folhetos, a Biblioteca Átila Almeida. Instalada no Campus I da Universidade Estadual da Paraíba, essa biblioteca dispõe atualmente de uma valiosa coleção de cordéis, provenientes de diversos lugares da região Nordeste. Ela é considerada pelos pesquisadores do assunto como um dos maiores acervos do mundo, com mais de dez mil títulos de cordéis e 17.532 (dezesete mil, quinhentos e trinta e dois) exemplares à disposição.

Segundo Joseph Luyten (apud Dourado), a poesia de cordel já ultrapassou mais de cem mil títulos publicados somente no Brasil (este que é o maior produtor de cordéis no mundo ocidental), em cerca de mais de 20.000.00 (vinte milhões) de folhetos impressos, aproximadamente, já que algumas tiragens, segundo alguns pesquisadores, não ultrapassam 200 (duzentos) exemplares.

Via de regra, a obra intitulada *O Romance do Pavão Misterioso*, do autor *José Camelo de Melo Resende*, é o maior clássico do cordel, sendo considerado o folheto mais vendido de todos os tempos. Escrito no final da década de 1920, até hoje se conserva como atual e está sempre presente em livrarias e bancas de revistas da Paraíba e de todo o Brasil, conseqüentemente. Já tendo sido, inclusive, material aplicado em vestibulares e faculdades, públicas e privadas de todo o Nordeste, principalmente da área de Comunicação Social.

A poesia de cordel sempre teve a sua importância na área da comunicação e da cultura, e vai continuar tendo, graças a pessoas que se preocupam em propagar e manter acesa a chama dessa tradição secular. Um exemplo desta dedicação está no pensamento do cordelista MANOEL MONTEIRO, de Campina Grande, que defende a introdução do cordel nas escolas como mecanismo de educação e valorização da cultura regional.

Todavia, é importante ressaltar que vivemos em plena era digital, e a informatização já provocou uma verdadeira revolução nos meios de comunicação. Livros e revistas, por exemplo, já são agora publicados exclusivamente pela Internet, condenando a um fim muito próximo, até por comodidade, o acesso físico das pessoas às bibliotecas convencionais.

Com a rápida inovação dos meios de comunicação, e com a literatura impressa sendo cada vez mais informatizada, acaba restando, conseqüentemente, pouco espaço no mercado para algumas pequenas publicações. E também fica evidente o fato de que um número cada vez maior de escritores, cordelistas em especial, já se rende a esse novo processo de integração literária na rede mundial, procurando novas alternativas nas quais

possam inserir os seus trabalhos. Há, no entanto, aqueles que acreditam que dificilmente os impressos vão desaparecer.

Ao contrário, essa forma de literatura vai se adaptando aos novos tempos, às novas tecnologias e assim, persistirá no tempo. “Defendo os folhetos em papel e acho que eles precisam continuar existindo, tanto pela estética quanto pela cultura. Sem eles não se consegue juntar os amigos para uma leitura ou não é possível guardar de recordação para mostrar aos filhos” (SILVA, 1998, *apud* MEIRA, 1998).

Pelo exposto acima, vemos que o cordel dificilmente desaparecerá no Nordeste.

2.3. Manoel Monteiro da Silva

Manoel Monteiro da Silva nasceu em Bezerros, município de Pernambuco, no dia 4 de Fevereiro de 1937, e desde meados de 1955 reside em Campina Grande, Paraíba. Radicado na Rainha da Borborema, ele é considerado hoje o cordelista de maior produção no Brasil em atividade, com uma produção anual de folhetos bastante diversificada.

Autodidata, só estudou até o ensino fundamental, não concluindo os estudos. Porém, influenciado por seu primeiro professor, Pedro Firmino, começou a escrever desde cedo, dedicando-se a fazer poesias e outras coisas. A vocação de escrever cordéis surgiu quando ainda era menino, da primeira vez em que foi à feira de Bezerros, em Pernambuco, e viu um homem vendendo folhetos de cordel, o que o fez gostar automaticamente da linguagem. Pediu então ao seu pai que comprasse um folheto para ele. A partir daí, começou a escrever seus próprios folhetos, ainda que timidamente.

Experiente na arte de escrever versos rimados e metrificados, as suas narrativas são mágicas e envolventes, prendendo o leitor do princípio ao fim. Com grande influência verbal, própria dos grandes mestres, Manoel Monteiro não abre mão da forma correta na linguagem de seus folhetos, sem que para isso perca sua essência popular. Em razão da qualidade de sua produção, a literatura de cordel vem sendo indicada para a grade escolar de várias cidades brasileiras, uma espécie de disciplina à parte no currículo dos alunos.

O poeta Manoel Monteiro, em entrevista concedida para a Cordelbrás, procurou referir-se à poesia com as seguintes palavras: “*Alguém já disse que o homem é um animal político; e eu digo que o homem é um animal poético*”. Membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel - ABLC, ele herdou do poeta Manoel Tomaz de Assis a cadeira nº 28. Com cerca de duzentos títulos publicados, Manoel Monteiro já é considerado um dos maiores poetas de cordel de todos os tempos, um dos responsáveis diretos pela inserção da literatura

de cordel como ferramenta de estudo nas escolas da Paraíba, em especial, nas salas de aula em Campina Grande (PB).

Manoel Monteiro já chegou aos 73 anos de idade e ainda tem muitos planos em sua vida, como realizar o mega projeto Cordelando a Paraíba. Uma grande ideia, digna de um mestre dos cordéis, em que ele e outros escritores pretendem recontar a história de suas cidades. Trata-se, pois, de escolher um poeta de cada um dos 223 municípios do Estado, o qual será responsável por narrar a história de sua cidade através de versos decorridos em cordel. Um plano que nem chega a ser tão audacioso, uma vez que há muitos cordelistas profissionais e também amadores espalhados por toda a Paraíba.

3. METODOLOGIA

Para esta pesquisa, foi trabalhado o folheto de cordel do poeta Manoel Monteiro, *O planeta água está pedindo socorro*, analisando o que o autor procura veicular em seus textos versificados. A realidade que se apresenta no momento da publicação, que é a escassez de água no nosso planeta, fora transformada pelo poeta em campanha de conscientização, onde ele chama atenção da população para um problema que é de todos.

Assim, esta pesquisa teve como viés metodológico analítico os recursos verbais próprios da literatura de cordel, por ser esta o meio mais adequado aos propósitos da pesquisa e a melhor ao discutir particularidades, relevando práticas cotidianas e culturais.

Sendo o cordel uma forma de expressão e de manifestação de cunho ideológico, onde as ideias do poeta soam de forma espontânea, entretanto, foi empregado neste trabalho trechos da obra que serviram como subsídios textuais para promover uma campanha voltada para conscientização sobre o meio ambiente, despertando nas pessoas o seu bom senso em relação ao desperdício de água doce no planeta.

4. ANÁLISE DO CORDEL, *O PLANETA ÁGUA ESTÁ PEDINDO SOCORRO*, DE MANOEL MONTEIRO

Em uma análise mais atenta do folheto de cordel, *O planeta água está pedindo socorro*, de autoria do poeta cordelista Manoel Monteiro da Silva, podemos perceber a enorme preocupação do autor quanto à questão da preservação do meio ambiente. Em especial, no que diz respeito ao problema da água no planeta, a qual vem sendo utilizada de forma bastante irresponsável. Um dos mais criativos escritores de cordéis da atualidade, Manoel Monteiro

sempre direcionou alguns de seus trabalhos no sentido de conscientizar as pessoas sobre algum mal que atinja a sociedade.

A capa do folheto (em anexo) é bastante sugestiva e antecipa a leitura do folheto: retrata um cenário de seca, com cabeças de animais mortos e plantas típicas da caatinga. Nesse cenário aparece uma mulher carregando um balde de água na cabeça, e ao seu lado, o filho muito desnutrido. Percebe-se que o autor, com essas imagens, procura causar impacto no leitor para que ele leia o folheto com mais atenção.

O poeta começa a expressar sua preocupação, logo no título: *O planeta água está pedindo socorro*. Uma leitura atenta permite verificar que o enfoque do poeta é a preocupação com a falta d'água no mundo, não em um futuro próximo e sim, no presente, por isso usa o verbo estar no presente “está”.

Através dos versos deste Cordel, Manoel Monteiro busca alertar a população do perigo iminente da escassez de água em todo o mundo, dando dicas simples, porém importantes, de como diminuir o consumo excessivo, economizando ao máximo a água potável. Para isso, faz um apelo à educação e ao bom senso das pessoas, no sentido de que elas se conscientizem do problema, procurando poupar agora toda a água que poderá fazer falta no futuro, a exemplo das estrofes abaixo, entre outras.

“Vão aqui algumas dicas
Pra fazer economia:
Banho quente é repousante
Mas não passe nele um dia,
Senão a conta na frente
Fará desse banho quente
Você entrar numa fria.

Tem gente que demora
Meia hora no banheiro,
Dois banhos são uma hora,
Somam trinta o mês inteiro.
Essa demora é nefasta
A água que um desse gasta
Dá pra encher um barreiro.

O sanitário consome
De água uma boa carga,
Pois de 10 a 15 litros
Se vão na descarga,
Estou dizendo a vocês
Que é isso no fim do mês
Que deixa a ‘continha’ amarga”.

De acordo com os seus versos e rimas, fazer uso da água com racionalidade significa, em médio prazo, pensar no futuro da humanidade como um todo, uma vez que a água doce não é um recurso renovável. Mesmo que o homem, em toda sua ambição desmedida, não consiga fazer com que a água desapareça por inteiro, ainda assim, pode torná-la imprestável para o consumo, condenando a um fim muito próximo a vida animal e vegetal do planeta. Sem água não há condições de haver vida, ainda mais quando sabemos que apenas 0,02% do total de água da superfície terrestre é potável.

Diante dessa realidade, o ser humano não deve se limitar apenas a questões técnicas ou científicas, uma vez que os maiores problemas do planeta clamam por um ser mais reflexivo e igualmente consciente, solidário ao próximo e à natureza. Toda pessoa de bom senso sabe que economizar água passa a ser agora uma questão de conscientização coletiva. O mestre Manoel Monteiro, de forma simples e clara, reflete sobre isso nas seguintes estrofes:

“É possível que alguém
Vendo a imensidão do mar
Ache que tem tanta água
Que pode desperdiçar,
Mas isso não é verdade
Preste atenção, por bondade,
No numero que vou lhe dar.

Água pura de beber
É bastante limitada
Água salgada tem muita
Mas de toda água somada
Pelo que já apurou-se
Dois por cento é água doce
O resto é água salgada.”

Além das ações e medidas que correspondem ao perfeito funcionamento de instalações hidráulicas, bem como dos direitos e deveres do consumidor dentro da lei, o poeta aponta ainda para medidas simples e educacionais que podem fazer parte do dia a dia de todos, sem prejuízo do conforto de quem utiliza a água em suas tarefas diárias.

Composto poeticamente em septilhas, em 46 estrofes de pura sabedoria popular, podemos observar nos versos deste folheto de cordel a estreita relação do narrador com o seu público, onde o poeta, com sua enorme capacidade de síntese, consegue transpor para o papel uma importante mensagem relativa à preservação do meio ambiente. O consumo moderado da água e as suas mil e uma maneiras de aproveitamento são os pontos altos desta obra.

“Reutilizar a água
 Que desce pelo chuveiro
 Aproveitar o saponáceo,
 A soda cáustica e o cheiro,
 A conta d’água não cresce
 E o sanitário agradece
 Essa água do banheiro.”

Na primeira estrofe o poeta faz uma pergunta:

“Você sabia que é
 Preciso economizar
 Água doce de beber
 Porque senão vai faltar?
 E que é muito provável
 Que a água doce e potável
 Em breve possa acabar?”

E, logo na segunda estrofe, responde-a:

“Se sabia, muito bem,
 Senão vai ficar sabendo
 Que por falta de cuidados
 Tem manancial morrendo,
 Uns, sujam a água que bebem
 E nem de longe percebem
 O mal que estão cometendo.”

O poeta afirma que a água é um recurso natural indispensável à sobrevivência do homem, das plantas e dos animais, além de ser um elemento básico para o desenvolvimento da humanidade. Percebe-se isso nas estrofes seguintes:

“Nosso PLANETA/ÁGUA/TERRA
 Só tem a água que tem,
 Sem água, todos sabemos,
 Não sobrevive ninguém,
 Quem sabe disso propala
 Que devemos preservá-la
 Para o nosso próprio bem.”

Percebe-se nessa estrofe, quando o poeta afirma: “Quem sabe disso propala”, o caráter jornalístico da informação, corroborando com Galvão (2001, p. 88), ao afirmar “Vários estudiosos identificaram a literatura de cordel como um sistema paralelo e particular de jornalismo”. Porém, os cordéis, diferentemente dos jornais, não têm a preocupação típica do

jornalismo que é a impessoalidade, a imparcialidade, ao contrário, o cordelista coloca toda a sua emoção nos poemas, como se percebe nos trechos abaixo:

“E o homem ‘bicho insensível’
Com isto não se comove,
Teima em não compreender
Que falta a prova dos 9
O mundo não tem saída
Pois sem água não tem vida
E sem mata não chove”.

Observa-se que o autor se utiliza de várias técnicas de persuasão e convencimento para que o leitor acate a ideia proposta.

Nos versos abaixo, percebemos fatos que provocam no leitor um sentimento de que o poeta é alguém que conhece profundamente o assunto e vive essa realidade e luta por ela, dialogando com o leitor como se este estivesse presente no momento da leitura, Observa-se que o poeta se utiliza de várias técnicas de persuasão e convencimento para que o leitor acate a ideia proposta.

“Você não desperdiçando
O ganho vai ser geral,
Além do mais fará jus
À convite especial,
Pra desfilar na avenida
Encenando o show da vida
E no papel principal.”

Percebe-se nesta estrofe que o poeta Manoel Monteiro quer passar a ideia de que o mundo requer novas atitudes. Para ele, é imperativo a contribuição moral do ser humano. Em todo o cordel, ele busca no leitor uma pessoa ativa, consciente de seu papel na sociedade.

Para Manoel Monteiro, cada um de nós tem uma parcela de responsabilidade nesse conjunto de coisas, mas, como não podemos resolver tudo de uma só vez, que tal começarmos a dar a nossa contribuição no dia-a-dia? Como não dá para viver sem água, é essencial fazer um uso racional deste recurso precioso. A água deve ser usada com responsabilidade e parcimônia. Para nós, consumidores, também significa mais dinheiro no bolso. A conta de água no final do mês será menor. O mais importante, no entanto, é termos a consciência de que estamos contribuindo, efetivamente, para reduzir os riscos de matarmos a nossa fonte de vida: a água. Conferimos isso nos trechos abaixo:

“Vão aqui algumas dicas
Pra fazer economia:
Banho quente é repousante
Mas não passe nele um dia.
Senão a conta na frente
Fará desse banho quente
Você entrar numa fria.

Não é demais repetir
Toda hora e todo dia,
Que água é um bem finito
Só tem a mesma quantia.
De que lhe vale um tesouro
Se você tem muito ouro
Mas não dispõe de água fria?”

Atualmente, muito se fala sobre reciclagem, desperdício de água e luz. Apesar de toda essa divulgação, muitas pessoas acham que o cuidado com a natureza é obrigação só do governo e não fazem nada para ajudar. O poeta alerta para esse fato:

“Este cordel traz nos versos
Lições que valem lembrar,
Exemplo: o valor dos erres
Onde um é RECICLAR
(Para melhorar o mundo)
REUTILIZAR, o segundo;
Terceiro, REAPROVEITAR.”

Preservação ambiental é a prática de preservar o meio ambiente. Essa preservação é feita para beneficiar o homem, a natureza ou ambos. A pressão por recursos naturais muitas vezes faz com que a sociedade degrade o ambiente a sua volta, por isso é essencial as medidas de preservação do meio ambiente.

A preservação ambiental é uma preocupação crescente por parte das pessoas, organizações e governo. Desde os anos 60, a atividade de organizações de proteção do meio ambiente vem atuando em favor da preservação ambiental, para tentar garantir que tenhamos um planeta ambientalmente mais sustentável. A preservação ambiental é um dever de todas as pessoas.

5. CONCLUSÃO

A literatura de cordel não nasceu da escrita. Seu berço é a tradição oral. O advento da imprensa popularizou-a, nesse sentido, essa literatura passou também, de certa forma, a chamar a atenção dos leitores para os problemas, sociais, econômicos, políticos, culturais, educacionais, etc.

No cordel de Manoel Monteiro “*O Planeta água está pedindo socorro*”, o poeta usa técnicas de persuasão e convencimento para que o leitor acate a ideia de economizar água, pois o risco de um colapso ecológico que já é uma realidade. Sinais eloquentes dessa crise são visíveis em todos os lugares do planeta.

O poeta coloca-se como “porta-voz” das informações sobre a escassez da água no planeta. Essa é uma das funções importantes desempenhadas pelos cordéis: um meio de informação e de comunicação.

Manoel Monteiro deseja com este cordel que os leitores sintam-se provocados pela leitura e tomem atitudes críticas, reflexivas e responsáveis, em relação à preservação da água no nosso planeta. E todos podem se engajar, ajudando a divulgar e passar adiante as ideias, uma vez que campanhas governamentais desse tipo atingem um grande número de pessoas de todas as classes sociais, atendendo ao gosto de um público variado.

Dessa forma, podemos apontar na literatura de cordel um viés de caráter comunicativo que, por vezes, faz o papel da mídia, informando à população problemas sociais e ambientais que estão presentes em nossa sociedade de maneira séria e prazerosa.

6. REFERÊNCIAS

CHAVES, Rita. **Margens do texto: Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Scipione, 1993.

DOURADO, Gustavo. **Cordel: Do Sertão nordestino à contemporaneidade da Internet**. <<http://www.gustavodourado.com.br/CordeldosertaonordestinoacontemporaneidadedaInternet.htm>>. Acesso em: 08/05/2013, 16h40min50seg.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: Leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

KUNZ, Martine. **Cordel: A voz do verso**. Fortaleza: Museu do Ceará. Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.

LUYTEN, Joseph M. **A notícia na literatura de cordel**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

MEIRA, Tatiana. Arte popular do cordel abraça novas tecnologias. **Jornal do Comércio**, Recife/PE, publicado no dia 21 de janeiro, 1998.

MONTEIRO, Manoel. **O planeta água está pedindo socorro**. Campina Grande – PB: Editora Camp Graf, 2005.

PINHEIRO, Helder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

SILVA, Dilsom Barros da; BARBOSA, Vilma de Lourdes. **A Literatura de Cordel no ensino de Geografia**. Disponível em: <<http://www.prac.ufpb.br/anais/IXEnex/extensao/documentos/anais/2.CULTURA/2CEDMEOUT01.pdf>>. Acesso em: 08/05/2013, 18h50min10seg.

ANEXOS

O PLANETA ÁGUA ESTÁ PEDINDO SOCORRO

LITERATURA
DE CORDÃO



Manoel Monteiro
Membro da ABLC

1ª Ed. - Campina Grande - Paraíba - Brasil - Agosto / 2005

PALAVRA DE PROMOTOR:

Antes do surgimento do rádio e da televisão, era o poeta popular quem em suas cantorias ou através do folheto de cordel, levava a cultura e a informação a todo o povo nordestino, chegando até às mais longínquas localidades interioranas. Nessa época, era o poeta popular que relatava em seus versos os horrores das guerras, a saga dos cangaceiros, os milagres do Padre Cícero, o encanto dos casamentos das princesas, a tirania dos ditadores, enfim, narrava fatos históricos, documentando a história. Além de contar os fatos históricos, o poeta era e continua sendo um mestre na ficção, e sua criatividade já produziu belíssimos romances narrados em forma de versos.

O poeta Manoel Monteiro, grande destaque da literatura de cordel, além de contar fatos históricos e ficção, vem contribuindo de maneira destacada com a educação ambiental de nossa gente. Sobre o tema, o valoroso poeta já criou lindos poemas em defesa da fauna e da flora, dando especial atenção à proteção e restauração das matas ciliares indispensáveis à proteção de nascentes, rios, riachos, lagos e qualquer outro curso de depósito d'água.

Neste Cordel, intitulado O PLANETA ÁGUA ESTÁ PEDINDO SOCORRO, Manoel Monteiro conduz sua sensibilidade poética para alertar sobre o perigo de escassez da água. É fácil entender a preocupação do poeta com a qualidade e a quantidade de água. Imaginem como ele deve se empolgar ao olhar para as belezas das Cataratas do Iguaçu. Ao mesmo tempo, avaliem sua tristeza ao contemplar a poluição do rio Tietê. Os mais belos cenários da Terra, agradáveis aos sentidos e convidativos à poesia, têm a água na sua composição, geralmente como fundo principal: as ondas do mar, as cachoeiras, os riachos, os lagos azuis, a neblina caindo sobre um jardim florido, os pingos brotando de uma nascente, o orvalho da manhã brilhando aos primeiros raios do sol, enfim, para o poeta a água não é apenas útil no dia-a-dia, mas também é fonte inesgotável de inspiração. A água de belezas indescritíveis, para o poeta, é composição obrigatória em nosso cotidiano, ao cozinhar, na formulação de medicamentos, na geração de energia elétrica, enfim, é essencial na fabricação ou criação de qualquer coisa. Fica evidente que, nas nossas atividades diárias, nos preocupamos em conseguir os demais elementos. Com a água não, "é só água, tem em abundância". Será? Na verdade somente 0,02% do total de água de superfície em nosso planeta é potável, portanto, não é tão abundante e, embora o homem não a faça desaparecer da natureza, como faz com as florestas, em sua irresponsabilidade desmedida, está contribuindo para que fique poluída e conseqüentemente, tornando-a imprestável para o consumo. Não existe vida sem água. Inutilizando-a o homem está predestinado a se afogar num mar de imundície.

Este folheto do poeta Manoel Monteiro, além da beleza dos versos, é um manual que deve ser seguido para que a água seja usada com racional idade, e conseqüentemente, exista em quantidade e qualidade para as futuras gerações.

O PLANETA ÁGUA

ESTÁ PEDINDO SOCORRO

Autor: Manoel Monteiro

01 – Você sabia que é

Preciso economizar

Água doce de beber

Porque senão vai faltar?

E que é muito provável

Que água doce e potável

Em breve possa acabar?

02 – Se sabia, muito bem,

Senão vai ficar sabendo

Que por falta de cuidados

Tem manancial morrendo,

Uns, sujam a água que bebem

E nem de longe percebem,

O mal que estão cometendo.

NÃO JOGUE LIXO NOS CANAIS

03 – A água não vai sumir

Mas com rio assoreado,
Água suja, lixo exposto,
Morro e campo desmatado,
Lago com chumbo e mercúrio
Com este pincel expúrio
O presente é mal pintado.

04 – Nosso PLANETA AGUA / TERRA

Só tem a água que tem,
Sem água, todos sabemos,
Não sobrevive ninguém,
Quem sabe disso propala
Que devemos preservá-la
Para nosso próprio bem.

05 – Água nunca foi nem é

Um recurso renovável
Por isso não desperdice
Nossa doce água potável;
O H₂O bem composto
Não tem gosto, mas seu gosto
Tem sabor inimitável.

AS ÁRVORES PURIFICAM O AR

06 – Da água que tem na terra

A quantidade é constante
O que você desperdiça
Prejudica o semelhante,
Donde tira e não se bota
Só um Zé Mané não nota
Que vai faltar adiante.

07 – É possível que alguém

Vendo a imensidão do mar
Ache que tem tanta água
Que pode desperdiçar,
Mas isso não é verdade
Preste atenção, por bondade,
No número que vou lhe dar.

08 – Água pura de beber

É bastante limitada,
Água salgada tem muita
Mas de toda água somada
Pelo que já apurou-se
Dois por cento é água doce
O resto é água salgada.

QUEM POLUI A ÁGUA MATA O

PEIXE

09 – Dessanilizar a água

Inda é criança de touca
Está só engatinhando
Não dá pra molhar a boca,
O equipamento é raro,
O processo custa caro
E a produção é pouca.

10 – Vão aqui algumas dicas

Pra fazer economia:
- Banho quente é repousante
Mas não passe nele um dia
Senão a conta na frente
Fará desse banho quente
Você entrar numa fria.

11 – Tem gente que se demora

Meia hora no banheiro,
Dois banhos são uma hora,
Somam trinta um mês inteiro
Essa demora é nefasta
A água que um desse gasta
Dá pra encher um barreiro.

12 – O sanitário consome

De água uma boa carga
Pois de 10 a 15 litros
Se vão a cada descarga,
Estou dizendo a vocês
Que é isso no fim do mês
Que deixa a "continha" amarga.

13 – Para saber se a descarga

Está merecendo fé
Levante a tampa do vaso
Coloque pó de café
Se não houver movimento
Ali não há vazamento
Se tem, noutro canto é.

14 – Uma gota, pingo, pingo,

Duma torneira imperfeita,
Uma parede molhada
E ao cano não se ajeita
É isso meu camarada
Que deixa a conta enfeitada
Com muito zero à direita.

**ÁGUA PARADA É ANCORADOURO
DE MOSQUITO**

**NÃO GASTE HOJE A ÁGUA DO
AMANHÃ**

15 – Permitir a criançada

Brincar com água corrente
Pode ter plena certeza
Não é muito inteligente,
Limpar calçada ou quintal
Com a vassoura é legal
Mas com água é imprudente.

16 – Para lavar automóvel

Use uma lata ou bacia
Pegue a água e vá jogando
Passe a flanela macia,
Com esse procedimento
Não gasta cinco por cento
Da água que gastaria.

17 – Tirar barba, escovar dente

Mantendo a torneira aberta
Se for com toda vasão
É de bem que fique alerta
Que gasta um balde ou um filtro
Pois em vez dum meio litro
Vão-se uns 10 litros na certa.

18 – Lavar frutas e legumes

É correto e indicado
Mas com a torneira aberta
É um consumo danado;
Com água e vinagre num
Balde ou vasilha comum
Dá muito mais resultado.

19 – Abrir a torneira toda

Para lavar copo ou prato
Usando muito sabão
É um desperdício ingrato
Que só faz pessoa tonta
Porque só piora a conta
E deixa caro o "barato".

20 – Do detergente atuante

A bactéria se afasta
Só não coloque demais
Seja líquido, seja pasta,
Não vá bancar o "matuto"
Quanto mais forte o produto
Mais água a limpeza gasta.

NENHUM SER HUMANO VIVE SEM

ÁGUA

QUEM ECONOMIZA NÃO É SOVINA,

É SÁBIO.

21 – Diluir o detergente

É salutar providência
Desde que não comprometa
Seu grau de suficiência
Permanecendo supimpa
Gasta menos água e limpa
Com a mesma eficiência.

13 – Um cano mal emendado

Gotejando vez em vez,
Da boia desregulada
Se o conserto não se fez
Vão resultar desse evento
Um acréscimo violento
Da conta ao final do mês.

23 – Para checar vazamento

Ou outro qualquer defeito
Entre hidrômetro e caixa
d'água há um simples jeito:
Feche tudo com cuidado
Se o hidrômetro ficar parado
É que está tudo perfeito.

24 – Toda esta economia

Que estamos sugerindo
Quem seguir certinho vai
Quando o mês estiver findo
Pagar a conta da água
Sem remorso, queixa ou mágoa,
Feliz, alegre, sorrindo.

25 – Pois não se priva do banho

Nem do asseio do lar,
Nem deixa as plantas murchando
Nem o carro sem lavar,
Nem a sujeira invadir
Tampouco a conta subir
Sabendo economizar.

26 – REUTILIZAR a água

Que desce pelo chuveiro
Aproveita o saponáceo,
A soda cáustica e o cheiro,
A conta d'água não cresce
E o sanitário agradece
Essa água do banheiro.

**VAZAMENTO NA RUA, LIGUE PARA
A COMPANHIA**

**OS ANIMAIS NÃO DESPERDIÇAM
ÁGUA**

27 – Quem tem plantas na calçada

No jardim ou no quintal
Usando a água das pias
Para aguar é legal,
Faço isso com as minhas
Que permanecem verdinhas
E o consumo normal.

28 – Mesmo que o consumidor

Tenha grana de sobrar
Para mostrar que é bacana
Não deve desperdiçar;
Vindo o racionamento
Ninguém vai ficar isento
Todo mundo vai "dançar".

29 – Melhor ter pouco, mas ter,

Pior mesmo é quem não tem,
Pelo que estamos vendo
É preciso entender bem
Que: ÁGUA, SABENDO USAR,
Por certo, NÃO VAI FALTAR
Na torneira de ninguém.

**A SUJEIRA QUE OBSTRUI O
ESGOTO É SUA**

30 – O poder público também

Tem responsabilidade,
Talvez bem mais, porque tem
De abastecer a cidade,
Exatamente por isso
Tem de honrar o compromisso
Com toda sociedade.

31 – Vazamento em via pública

Quem tiver conhecimento
Comunique à companhia
Que sabedora do evento
Tem interesse e dever
De procurar resolver.
A causa do vazamento.

32 – ÁGUA É VIDA, todos sabem,

E por isso é garantida
Pois a Constituição
Garante o Direito à Vida
Mas tem uns que não merecem,
Ensandecidos esquecem
A Lei estabelecida.

A ÁGUA É PATRIMÔNIO COLETIVO

33 – O Estado tem o DEVER

De pelo povo zelar,
Recolher lixo das ruas
E aos esgotos tratar,
Fazer isso e fazer bem,
Em troca, O POVO NÃO TEM
O DIREITO DE SUJAR.

34 – Um saco plástico "inocente"

Grande mal pode fazer;
Não se degrada na chuva,
Mata o bicho que o comer,
Provoca incontáveis danos
Porque passa muitos anos
Para a terra o dissolver.

35 – Não jogar lixo na rua

Nem em terreno baldio;
Manter nosso mundo limpo
Chega ser um desafio,
O lixo a chuva carrega
E a sujeira navega
Para obstruir o rio.

**EM TÓQUIO NÃO TEM GARI,
SABEM POR QUÊ?**

36 – De que tem rios morrendo

Todo mundo está ciente
E quando um rio "falece"
Mata planta, bicho e gente,
Acaba a vida que tem
E a culpa toda é de quem
Degrada o meio ambiente.

37 – Este cordel traz nos versos

Lições que valem lembrar,
Exemplo: O valor dos erres
Onde um é RECICLAR
(Para melhorar o mundo)
REUTILIZAR, o segundo;
Terceiro, REAPROVEITAR.

38 – Quem RECICLA ganha em dobro,

Melhor se REUTILIZA,
Se REAPROVEITA então
Pelo que economiza
O planeta saberá
Que no futuro terá
A água de que precisa.

**OS INSETICIDAS MATAM INSETOS
E GENTE**

39 – Parece ouvir o gemido

Da mata desfalecendo
Sob a motosserra e sob
A labareda crescendo
Por esse hábito perverso
O verde do universo
Está desaparecendo.

40 – E o homem "bicho" insensível

Com isto não se comove
Teima em não compreender
Que feita a prova dos 9
O mundo não tem saída
Pois sem água não tem vida
E sem ter mata não chove.

41 – Não é demais repetir

Toda hora e todo dia
Que água é um bem finito
Só tem a mesma quantia,
De que lhe vale um tesouro
Se você tem muito ouro
Mas não dispõe de água fria?

42 – Quem não desperdiça paga

Só o que consome e pode,
Mas a conta vindo errada,
Reclame, não se acomode,
Quem faz certo quer exato
Só não apele pra "gato"
Pois fazer "gato dá bode".

43 – Quem faz "gato" paga multa,

Tem a água desligada,
Além de outras sanções
Pode até ser processada,
Ser sabido é ser decente
E o "cabra" inteligente
Não entra nessa furada.

44 – Mesmo a conta é rateada

Por todo consumidor
Gaste pouco ou gaste muito
É dividido o valor
Pelo gasto da cidade
Com equitatividade
Para cada morador.

**TODO DINHEIRO DO MUNDO POR
UM COPO D'ÁGUA**

ABAIXO O DESPÉRDÍCIO!

45 – Você não desperdiçando.

O ganha vai ser geral

Além do mais fará jus

A convite especial

Pra desfilarmos na avenida

Encenando o show da vida

E no papel principal

46 – Moçada NÃO DESPERDICE

ÁGUA DOCE DE BEBER

Nem polua cursos d 'água

Ou então você vai ver

Em breve a sede marota

Lhe implorar uma gota

Mesmo assim você não ter.

Leiam os cordéis do PROJETO PARAÍBA, SIM SENHOR! Onde estão resumos biográficos de personalidades paraibanas, agora, sob os auspícios do PROGRAMA BNB DE CULTURA – Edição 2005.

POLUIR A NATUREZA É TENTAR CONTRA A PRÓPRIA EXISTÊNCIA